**As identificações na época do gozo**

Ricardo D. Seldes

“Por volta de 1905 Hermann Bahr decidiu: *O único dever, ser moderno.* Vinte e tantos anos depois, eu também me impus essa obrigação totalmente supérflua.
 Ser moderno é ser contemporâneo, ser atual; todos fatalmente o somos”.
Jorge Luis Borges, “Prólogo” em *Lua defronte*

**1. Introdução**

O grupo de trabalho foi formado a partir de um traço, a nacionalidade (uruguaios, argentinos, argentinos-uruguaios, rioplatenses) e dada à monotonia narcisista que implica sustentar no conjunto a localização geográfica do nascimento, foram se acrescentando outros traços que deram uma cor de comunidade (psicanálise de orientação lacaniana) à prática analítica nas diferentes cidades (capitalinos, do interior) aos usos da mesma sem reivindicar especialização alguma (psicanálise pura e aplicada). Não esqueceremos que, em todo caso, temos levado em conta que nossas discussões estão marcadas no Encontro das Américas promovido pela FAPOL e o Campo Freudiano.

Uma pergunta percorreu sutilmente as reuniões de trabalho como um fio de Ariadne: qual é a relação entre as identificações da atualidade e o que chamamos as comunidades de gozo? Tentamos decifrar o título proposto pela Comissão Organizadora do VII ENAPOL, que redobra sua aposta ao relacionar ditas identificações com um mais além do narcisismo que devemos interpretar, de entrada, como “por fora do narcisismo”.

Por acaso as identificações de hoje se encontram mais próximas ao real que no passado? A preponderância das imagens e telas do hipermodernismo adormecem ou despertam aos sujeitos? Deve mudar a prática analítica a partir de calcular essas modificações no imaginário de cada um?

**2 – De nossas posições**

Quem de nós não se perguntou se o império das imagens com sua profunda penetração na subjetividade da época e nas identificações de hoje não é uma sorte de Apocalipse, de um destino funesto da humanidade? E quem da nossa comunidade não já teve a tentação de querer consultar o oráculo para interrogar se isso que nos sucede é bom ou mau para os psicanalistas? (Não nos atrevemos a dizer *para a psicanálise* porque seu presente e seu futuro dependem exclusivamente deles, de nós). O mundo muda, globalmente, para melhor e para pior.

Nessas mudanças, muitas veem de mãos dadas às tecno-ciências e a psicanálise também tem algo a ver com a dissolução da moral civilizada, cujo êxito era a inibição generalizada. Em Comandatuba, [[1]](#footnote-2) Jacques Alain Miller pode bem dizê-lo: “partimos do fato de que a relação entre a civilização e a psicanálise não é uma relação de direito e avesso, senão que é mais da ordem da convergência; por um lado, o mais de gozar comanda, o sujeito trabalha, as identificações caem substituídas pela avaliação homogênea das capacidades, enquanto que o saber se ativa em mentir e em progredir também”.

Na experiência de análise o universo das imagens passa ao dizer. Nossa pergunta aponta a decifrar como impacta hoje o império das imagens nos sujeitos; em particular, na força de suas identificações e, acrescentemos, em uma análise, quiçá mais especificamente em sua entrada, dado que na saída, ao final se constata a queda das mesmas.

**3 – Identificação e pulsão**

O ensino de Lacan pôs a ênfase em conceber o sujeito como falta-a-ser, fundamento da necessidade (estrutural) das identificações. Quem vem substituir quando essa concepção se desvanece? Resposta: o buraco do simbólico. [[2]](#footnote-3)

Segundo o sociólogo Michel Wieviorka, o alto uso da internet (sem nos referirmos a Big Data ou à cultura cyberpunk) faz com que essa cultura não conceba nada que possa amordaçá-la. A consequência do “dizer tudo”, desde a banalidade de comentar o estado de ânimo até a injúria racial mais dilacerante, está em concordância com a acumulação de saber em um espaço sem Outro, uma máquina desesperada de dar sentido.

Tal como J.A. Miller o situa ao falar sobre a adolescência, o saber está no bolso, já não é mais o objeto do Outro. Antes, o saber era o objeto que havia que buscar no campo do Outro, havia que extraí-lo do Outro mediante a sedução, a obediência ou a exigência e isso requeria empregar uma estratégia a respeito do desejo do Outro. O resultado é que hoje haveria uma auto erótica de saber diferente da erótica do saber que prevalecia antigamente e que passava pela relação com o Outro.

Lemos em Freud, em “Introdução ao narcisismo”, que os instintos auto eróticos são primordiais e que a erogeneidad, ao ser uma qualidade geral de todos os órgãos, pode intensificar-se ou diminuir em uma determinada parte do corpo. Situar um mais além do narcisismo é apontar o ponto onde Lacan restabeleceu a pulsão no campo escópico, o que define o imaginário em um espaço por fora do espelho. Se a identificação é o que permite localizar o sujeito sob o significante que o marca, esse mais além (ou melhor dizendo, mais aquém) do narcisismo implica conceber uma relação especial entre a identificação e a pulsão. E se existe um gozo da identificação, isto nos aproxima da necessidade de falar do *parlêtre* em lugar do sujeito, já que nele se combinam o significante e o gozo.

O que ocorre no mundo quando se inverte a perspectiva e os discursos já não regulam o gozo, senão que este assume o comando? O imaginário releva ao simbólico e o fragmenta: o empurra a enredar-se com o real. Quer dizer que, uma vez diluído ao Outro, “O que vem em primeiro plano com o primado do Um é o gozo, o gozo do corpo que chamamos corpo próprio e que é o corpo do Um. Se trata de um gozo que é primário, no sentido em que não é mais secundário ou que seja objeto de uma interdição”. [[3]](#footnote-4)

Criamos o mundo a partir do imaginário e vivemos em um mundo onde abundam as imagens: as do sonho, as da vigília, as imagens da fantasia, as da arte, as mascaradas, as duplas, as falsas, os fetiches, o visível e o invisível, as telas do cinema, as imagens cibernéticas com suas cores mágicas, as que prevalecem, as que enganam, as que assustam, as familiares que se tornam sinistras, as estranhas; em resumo, tudo aquilo que exige o olhar. O impressionante absolutismo das imagens é o último reduto onde refugiar-se ante *o olhar* que não tem ocaso, tal como Heráclito se referia ao *logos.* O mundo – ao menos o humano – já não é *omnivoyeur*, é exibicionista. Este *espetáculo do mundo* foi antecipado por Lacan no começo dos anos 60.

A pulsão, auto-erótica, busca uma materialidade no campo do Outro para produzir uma mudança no corpo próprio; seu objeto é a satisfação, o que coincide com sua meta. O olhar é uma encarnação material do objeto *a*, precisa a relação com a luz, tanto no brilho como no ponto opaco. *Vejo o olhar, porém, não consigo ver o espaço onde sou olhado.* O ponto do olhar, fugaz, parece sair sempre de outra dimensão, diferente do espelho que sinaliza o mesmo espaço. O mundo parece ser hoje um Outro exibicionista que consegue capturar os olhares. E não é impossível ver os olhares já que eles se encarnam, porém jamais podemos ver o ponto de onde o olhar olha. Gérard Wajcman em *El objeto del siglo,* marcou com todo rigor que se a Shoah, a catástrofe, cravou um invisível no coração do século XX, é desde o ponto de vista do que se pode ver ou não ver. Não do que se disse, porque está claro que se sabia o que ocorria. Porém não se viu. Porque não havia nada para ver. E isto não foi contingente.

**4 – O imperativo sobre os corpos**

A clínica não é atemporal. Os sujeitos se apresentam diante de nós a partir dos significantes que lhe foram atribuídos. Quiçá sejam as identificações as que nos advertem acerca das modalidades de gozo de cada época.

Sem entrar nas importantes reflexões que realiza a Sociologia, tomemos a colocação de Éric Laurent segundo o qual hoje em dia, com a queda dos ideais, estamos na transição entre as exigências da civilização e a aspiração à liberdade de satisfazer às pulsões, em uma situação inversa a dos contemporâneos de Freud. Acrescentemos que o sujeito do delírio singular é uma resposta do real que testemunha a ausência dos limites que mantinham os sujeitos fixados a identificações fortes, que, provavelmente, os fazia menos sensíveis ao imperativo ético do gozo, goza!

O que Laurent chama “supereuzação” do mundo”, dá uma explicação muito mais clara do que ocorre com os sujeitos capturados pelos dispositivos eletro-cibernéticos. “Os dispositivos tecnológicos estão definidos pelo fato de que se supõe que o sujeito os governa, porém na realidade querendo mandar sobre eles, o que faz na verdade é obedecer a um mandamento inscrito na estrutura mesma do dispositivo. O cidadão livre das sociedades democrático-tecnológicas não faz mais que obedecer sem fim, no momento mesmo em que dá o comando a uma tecla”. O impacto desse imperativo sobre os corpos leva a busca enlouquecida de um significante mestre que possa organizar o mundo mais além das identificações standard.

**5 – Os adolescentes, as tribos urbanas, os gadgets**

Como pensar as modalidades de identificação que se colocam em jogo com o uso dos significantes que o nomeiam? Partimos de que estes, ainda que seu uso seja compartilhado, são particulares para cada sujeito e o tipo de identificações que ele consinta, dependerá de sua estrutura e do modo como respondeu ao *troumatismo* da língua. Trata-se de algum modo, de saber fazer com o gozo, com o que aparece como excesso, com o que não se inscreve com os “artefatos” ou as metodologias tradicionais. Existem formas de trata-lo, também, em consequência, de tratar a imagem, essencialmente em sua articulação com o corpo. Assim se trata da imagem do perfil em uma rede social, do avatar de um vídeo game, da roupa, do corte do cabelo, dos protótipos da magreza ou dos cortes sobre a carne. Trata-se de um lábil, efêmero, porém em definitivo é um “entre todos” e nesse ponto entendemos que as Tribos Urbanas pretendem regular e estabelecer, em concomitância, algo do laço social.

O que dizer dos jovens sozinhos, que não usam o “compu” para relacionar-se com outros? Assim como nossa colega Adela Fryd caracterizou certo tipo de crianças, como “crianças amo”, haverá outros que poderiam agrupar-se sob o lema “o menino do mínimo esforço”? Por exemplo, aqueles que costumam empregar várias horas do seu tempo em assistir uma e outra vez vídeos sobre “tutoriais” de vídeo game, que jamais jogaram, porém que admiram a quem eles situam no lugar de seu eu ideal, “olho a esses caras que são geniais, que jogam bárbaro, então não há necessidade de que eu me estresse nem um pouquinho em jogá-los”.

Não temos prejuízos com o uso dos *gadgets.* Pelo contrário. Independentemente do nosso gosto por eles, afirmamos que podem ser usados das melhores formas, como no caso de Owen, o jovem autista. Por sorte seus pais descobriram, quando era pequeno, a afinidade que tinha com os filmes de Disney e começaram a colocar-se em contato com ele através da repetição de seus diálogos. A família inteira começou a falar a língua Disney: encenavam os filmes com a mesma entonação, e Owen lhes respondia respeitando o roteiro do filme. Assim abordavam as questões que se apresentavam na vida cotidiana. O uso de um dispositivo de vídeo para a repetição tem também sua importância, já que é um dos registros em que se apresenta o Um da letra no autismo e permite falar, escrever ou representar uma imagem de diversas formas.

**6 – Breves perguntas à margem**

*Veganos, paleos, crudívoros, alcoólicos, beatniks, hippies, punks, grunges, hipsters, floggers, freaks, darks, góticos, cumbieros, bloggers, cross-dressers, gays, trans, lesbians, queers* e seguem os nomes... Alcança o nomear-se (ser nomeado), para adquirir uma identificação, ainda que seja transitória? Adquirem-se identidades à falta de ter uma identificação que possibilite uma ancoragem na subjetividade e de recursos para armar um laço com o outro sem referência a um ideal? Ou, ademais, é preciso um procedimento que as garanta? Identificações lábeis que as telas facilitam, jogo de espelhos; haverá que pensar, um por um, no caminho que vai do mimetismo, do uso do semblante à construção do corpo. Autorizamo-nos a falar de comunidades de gozo quando em todo caso se trataria de identificar-se com um imaginário coletivo que sonha como o Outro goza?

**7 – O Um iterado ou como o som e a imagem capturam o corpo**

A arte hoje, na dança, ou nas performances áudio e/ou visuais, se ancora na iteração do Um que toca o corpo do espectador, quem já não é alguém passivo.

A música *dance*, especialmente utilizada nas festas rave, com sons do gênero *“drum and bass”,* busca que a materialidade do som seja registrada “por toda a superfície do corpo, quer dizer, pela pele. Trata-se de caracterizar não só um comum fenômeno auditivo, senão também táctil”. Trata-se de sentir os graves que batem no corpo (aproximarem-se os participantes é uma prática habitual). Não estamos longe de “a glória da marca” sinalada por Lacan ao referir-se à posição do sujeito cujo corpo é penetrado pelo significante, no fantasma “Bate-se numa criança”. Como situa Lenarduzzi [[4]](#footnote-5), muitos gêneros do *dance* tendem a construir *“tracks”* antes que canções, fluxos sonoros que costumam carecer de letras ou que quando as têm, suas palavras e seu significado não se entendem ou não importa o que dizem. Se a música tem letra, ficará desarmada no *“remix”* como mera evocação de um tema conhecido, já que ao estar cheia de ecos e reverberações em *“loops”,* iteram um Um muitas vezes acompanhado por imagens que também se transformam em enxames de imagens sem continuidade nem mensagem. Querem estimular o olho, o ouvido, a pele e se acrescentamos a utilização de Ecstasy, isso completa o quadro do corpo com sensações cinestésicas que não precisam da alucinação. O objeto *a* é por sua vez, o que falta à pulsão auto erótica e o que deve buscar-se no campo do Outro.

A música *dance* parece monótona, somente se acelera ou lentifica, enquanto repete um tema sem cessar produzindo o efeito *groove* que tem algo de viral e contagioso. Os que dançam se conectam com os outros em uma identificação não imitativa. Segundo seus relatos, a festa produz uma alteração profunda do corpo e do grupo. Perde-se a dimensão do tempo. Neste imaginário de corpo próprio, sem significações, o parceiro é múltiplo e ainda que desde o exterior pareça uma experiência autista, isso é desmentido por seus simpatizantes que encontram uma sincronia com os sons e com os movimentos dos outros que dançam. “Dançamos movendo os ombros enquanto sorrimos com outros porque estamos sentindo o mesmo e inconscientemente operam formas de resposta ao que está tocando”.

Em que consiste, então, esse imaginário que parece querer situar-se secundariamente em uma posição especular, narcisista, quando o que se busca é chegar a sensações mais primárias? A raiz da identificação é o riso, diz Lacan[[5]](#footnote-6). *Antes de toda palavra, a criança ri.* O riso comunica algo do gozo de forma direta, se dirige a aquele que, *mais além da presença significada, é a fonte, o recurso do prazer.* Esses primeiros risos não são produto de um transbordamento, nem a satisfação de um desejo, senão do mais além da presença na medida em que pode satisfazê-lo e contém uma conformidade possível com seu desejo. A identificação aparece como o oposto, quando há identificação acabou o riso. Um riso edípico secundário, diríamos, já que Freud destaca as satisfações a que o sujeito deve renunciar. No Édipo, *os investimentos libidinais são resignados e substituídos por identificação.[[6]](#footnote-7)* Nas identificações hoje, não se teme o pai que te olha, se protesta.

**8. O que não é sonho**

Na face mais profunda do fantasma, o sujeito se agarra a si mesmo no momento de sua perda, de sua desaparição. Eric Laurent destaca dois aspectos do fenômeno quando opomos o laço social baseado na identificação a um traço unário, com o laço social como funcionamento do fantasma. Por um lado, o fantasma com a descrição de uma técnica erótica e por outro, sujeitos indignados sem nenhum traço unário que os una, a não ser que protestam contra o Outro, contra o Outro infernal. Um Outro que lhes distribuiu o saber, que os sujeitou ao saber e que na atualidade produz sujeitos desidentificados carentes de lugar no mundo. No momento de agarrar-se, eles mesmos gritam, protestam com um grito que, mais que uma lista de enunciados, é uma enunciação pura, uma pura presença. Sem dúvida, não nos achamos no ponto limite onde se produz o cruzamento real entre a identificação e a pulsão de morte, tal como se capta nas imagens dos terroristas islâmicos. Eles publicam o assassinato como anúncio marqueteiro, um chamado publicitário dos deuses obscuros, para enganchar aos desidentificados do mundo no massacre generalizado e na mais brutal banalização do mal, conhecida depois da perpetrada pelo nazismo.

**9. Por último**

Encontramo-nos com um inconsciente que não está feito somente com os efeitos do significante. Vemos que a interpretação que o analista efetua, assim como o horizonte de uma psicanálise orientada ao real é consoante com o que nos dizem os jovens da época, já que se trata de um inconsciente feito de um material que nos habita, um depósito que se inscreveu em nossos corpos, um inconsciente que não está feito dos efeitos de um corpo imaginário, senão um inconsciente que incluí a instância do real como pura repetição do mesmo.

Elaboramos um pequeno percurso para situar o peso das identificações hoje, para situarmos o lugar que nos corresponde na época do Outro que não existe e das identificações que se distorceram. A psicanálise provocou uma revolução, “o traumatismo Freud”, da invenção da psicanálise. Detectar as mudanças globais nos coloca o desafio de manter um vislumbre revolucionário para evitar que a prática analítica se torne rotineira, ou pior ainda, burocrática, e perda efetividade frente à hipnose generalizada e à submissão dos corpos à identificações débeis, com sua magra fortaleza, assim como as identificações extrapoderosas dos fundamentalismos que, em sua crueldade exacerbada, obriga a que cada um creia que é.

Com a paixão da ignorância como saber feito conjunto vazio, a psicanálise pode fazer uma aposta às invenções que permita, a cada um, encontrar o maravilhoso e simples caminho do seu desejo.

*Tradução : Cassandra Dias*

Relator: Ricardo Seldes

Grupo de trabajo constituido por :

Silvia Tendlarz (EOL- Buenos Aires)

Silvia Bottazzi (GLM- Maldonado)

Florencia Fernández (GLM- Montevideo)

Natalia Rodríguez Negreira (GLM- Mercedes)

Alma Pérez Abella (EOL-La Plata)

Alma Montiel (PAUSA-Buenos Aires)

Ana María Zambianchi (EOL-Buenos Aires)

Jorge Yunis (EOL- Santa Fe)

Marcelo González Imaz (GLM-Montevideo)

Jorge Bafico (GLM-Montevideo)

Gerardo Arenas (EOL-Buenos Aires)

Ernesto Anzalone (GLM-Belo Horizonte)

1. “*Uma fantasia”* [↑](#footnote-ref-2)
2. Miller, Jacques Alain, “Tener un cuerpo”, en *Lacaniana* 17 [↑](#footnote-ref-3)
3. Idem [↑](#footnote-ref-4)
4. V. Lenarduzzi – *Placeres en movimiento* *Cuerpo, música y baile en la escena electronica.* Buenos Aires, Editorial Paidós, 2012. [↑](#footnote-ref-5)
5. Lacan, J. – *El Seminário, libro 5 Las formaciones del inconsciente.* Editorial Paidós, p 340. [↑](#footnote-ref-6)
6. Freud, S. – *“El sepultamiento del Complejo de Edipo”,* Obras Completas, Amorrortu, Tomo XIX, p. 184 [↑](#footnote-ref-7)